

EMPREENDEDORISMO FEMININO DE MULHERES REFUGIADAS: REVISÃO SISTEMÁTICA E ANÁLISE DAS REDES DE APOIO NO RIO DE JANEIRO E PERSPECTIVAS GLOBAIS

**FEMALE REFUGEE ENTREPRENEURSHIP: SYSTEMATIC REVIEW AND
ANALYSIS OF SUPPORT NETWORKS IN RIO DE JANEIRO AND GLOBAL
PERSPECTIVES**

**EMPRENDIMIENTO FEMENINO DE MUJERES REFUGIADAS: REVISIÓN
SISTEMÁTICA Y ANÁLISIS DE LAS REDES DE APOYO EN RÍO DE JANEIRO Y
PERSPECTIVAS GLOBALES**

Ricardo Nascimento Ferreira¹, Paola Bastos Lohmann², Roberto Pessoa de Queiroz Falcão³

DOI: 10.54899/dcs.v22i82.3490

Recibido: 29/08/2025 | Aceptado: 26/09/2025 | Publicación en línea: 30/09/2025.

RESUMO

Este artigo apresenta uma revisão sistemática da literatura sobre empreendedorismo feminino de mulheres refugiadas, com ênfase nas redes de apoio ativas no município do Rio de Janeiro. A investigação seguiu o protocolo PRISMA, abrangendo publicações de 2019 a 2024 nas bases Scopus e Web of Science. Após a triagem inicial de 153 estudos, 18 artigos atenderam integralmente aos critérios de inclusão e foram examinados em relação a objetivos, metodologias empregadas e principais resultados. A análise evidencia que o empreendedorismo funciona como mecanismo estratégico de inclusão socioeconômica, favorecendo geração de renda, fortalecimento da autonomia e reconstrução identitária das refugiadas. Contudo, permanecem desafios estruturais, como barreiras legais, discriminação de gênero, dificuldades de acesso ao crédito e ausência de reconhecimento de competências adquiridas nos países de origem. Os estudos ressaltam o papel decisivo das redes de apoio, em especial universidades, organizações da sociedade civil, coletivos locais e políticas públicas, para viabilizar e sustentar negócios liderados por mulheres em situação de refúgio. A revisão também identifica lacunas importantes: escassez de análises interseccionais, falta de dados sobre impactos de longo prazo e limitada produção focada no contexto latino-americano. Os resultados contribuem para a formulação de políticas públicas e programas de capacitação, ampliando o debate contemporâneo sobre diversidade, migração forçada e desenvolvimento local sustentável, além de oferecer caminhos para fortalecer a inclusão produtiva e a cidadania econômica dessas mulheres.

Palavras-chave: Empreendedorismo Feminino. Mulheres Refugiadas. Inclusão Socioeconômica. Redes de Apoio. Revisão Sistemática. Rio de Janeiro.

¹ Doutorando em Administração, Universidade Unigranrio, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

E-mail: ricardo.n.ferreira@terra.com.br Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-7905-101X>

² Doutora em Turismo, Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal. E-mail: paola.lohmann@unigranrio.com.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8818-3099>

³ Doutor em Administração, Pontifícia Universidade Católica (PUC), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

E-mail: roberto.falcao@unigranrio.edu.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8125-0938>

ABSTRACT

This article presents a systematic review of the literature on female refugee entrepreneurship, with emphasis on the support networks active in the city of Rio de Janeiro. The investigation followed the PRISMA protocol, covering publications from 2019 to 2024 in the Scopus and Web of Science databases. After screening 153 studies, 18 articles fully met the inclusion criteria and were analyzed regarding their objectives, methodologies, and main findings. The analysis shows that entrepreneurship functions as a strategic mechanism of socioeconomic inclusion, fostering income generation, strengthening autonomy, and enabling identity reconstruction among refugee women. However, structural challenges persist, including legal barriers, gender discrimination, limited access to credit, and lack of recognition of professional skills acquired in their countries of origin. The studies highlight the crucial role of support networks particularly universities, civil society organizations, local collectives, and public policies in enabling and sustaining businesses led by refugee women. The review also identifies key gaps: a shortage of intersectional analyses, lack of data on long-term impacts, and limited research focusing on the Latin American context. The findings contribute to the design of public policies and training programs, enriching the contemporary debate on diversity, forced migration, and sustainable local development, while offering pathways to strengthen productive inclusion and economic citizenship for these women.

Keywords: Female Entrepreneurship. Refugee Women. Socioeconomic Inclusion. Support Networks. Systematic Review. Rio de Janeiro.

RESUMEN

Este artículo presenta una revisión sistemática de la literatura sobre el emprendimiento femenino de mujeres refugiadas, con énfasis en las redes de apoyo activas en la ciudad de Río de Janeiro. La investigación siguió el protocolo PRISMA, abarcando publicaciones de 2019 a 2024 en las bases de datos Scopus y Web of Science. Tras la selección inicial de 153 estudios, 18 artículos cumplieron plenamente los criterios de inclusión y fueron analizados en cuanto a sus objetivos, metodologías y principales resultados. El análisis muestra que el emprendimiento es un mecanismo estratégico de inclusión socioeconómica, ya que promueve la generación de ingresos, el fortalecimiento de la autonomía y la reconstrucción identitaria de las refugiadas. No obstante, persisten desafíos estructurales, como barreras legales, discriminación de género, dificultades de acceso al crédito y falta de reconocimiento de competencias profesionales obtenidas en los países de origen. Los estudios resaltan el papel crucial de las redes de apoyo —en especial universidades, organizaciones de la sociedad civil, colectivos locales y políticas públicas— para viabilizar y sostener los negocios liderados por mujeres en situación de refugio. La revisión también identifica importantes vacíos: escasez de análisis interseccionales, falta de datos sobre impactos a largo plazo y limitada producción enfocada en el contexto latinoamericano. Los resultados contribuyen al diseño de políticas públicas y programas de capacitación, ampliando el debate contemporáneo sobre diversidad, migración forzada y desarrollo local sostenible, y ofrecen caminos para fortalecer la inclusión productiva y la ciudadanía económica de estas mujeres.

Palabras clave: Emprendimiento Femenino. Mujeres Refugiadas. Inclusión Socioeconómica. Redes de Apoyo. Revisión Sistemática. Río de Janeiro.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

INTRODUÇÃO

O aumento dos fluxos migratórios forçados exige respostas inovadoras para garantir a inclusão social e econômica de refugiados. No Brasil, especialmente no Rio de Janeiro, mulheres refugiadas enfrentam desafios cumulativos: deslocamento forçado, barreiras de gênero, raça, classe e responsabilidades familiares. A falta de emprego formal, o não reconhecimento de diplomas e a discriminação tornam o empreendedorismo uma alternativa estratégica de renda, autonomia e inserção comunitária.

Apesar da relevância do tema, a produção científica ainda é limitada. Poucos estudos articulam gênero, refúgio e empreendedorismo, ou analisam como redes de apoio, universidades, organizações civis, incubadoras, aceleradoras e políticas públicas contribuem para a criação e sustentabilidade de negócios liderados por refugiadas. Faltam também análises interseccionais e avaliações de longo prazo sobre essas iniciativas.

Diante disso, este estudo busca responder: quais evidências, lacunas e contribuições teóricas sobre o empreendedorismo de mulheres refugiadas, com foco nas redes de apoio no Rio de Janeiro, emergem em pesquisas de 2019 a 2024? O objetivo geral é mapear e analisar criticamente essa produção, identificando barreiras, oportunidades e a atuação das redes de apoio. Especificamente, pretende-se: (1) identificar bases conceituais e metodológicas; (2) mapear desafios como barreiras legais, discriminação e restrições de crédito; (3) examinar o papel de instituições de apoio; (4) apontar lacunas, sobretudo quanto à interseccionalidade e impactos de longo prazo; e (5) oferecer subsídios para políticas públicas e programas de capacitação.

A pesquisa seguiu o protocolo PRISMA, com buscas nas bases Scopus, Web of Science e SciELO, no período 2019–2024. Após critérios de inclusão e exclusão, 153 estudos foram triados, 43 artigos avaliados (19 brasileiros e 24 do Reino Unido) e 18 analisados em profundidade quanto a objetivos, metodologias, categorias temáticas e resultados.

O artigo organiza-se em cinco seções: introdução; referencial teórico sobre empreendedorismo feminino, refúgio e redes de apoio com enfoque interseccional; metodologia; apresentação e discussão dos resultados; e conclusões com contribuições teóricas, lacunas e recomendações para políticas públicas e futuras pesquisas.

REFERENCIAL TEÓRICO

O empreendedorismo de mulheres refugiadas em contextos urbanos complexos, como o Rio de Janeiro, exige um enquadramento teórico que integre gênero, deslocamento forçado, condições socioeconômicas e redes de apoio. Para sustentar essa análise, realizou-se uma revisão sistemática segundo o protocolo PRISMA, assegurando transparência e reprodutibilidade nas etapas de identificação, triagem, elegibilidade e inclusão. A busca nas bases Scopus e Web of Science, com os descritores “*refugee women*” AND “*entrepreneurship*” AND “*social networks*” AND “*Brazil*” (2019–2024), resultou em apenas 12 artigos dos 18 inicialmente localizados. Desses, apenas três abordavam simultaneamente gênero e migração forçada no Brasil, e nenhum integrava plenamente os conceitos de empoderamento, interseccionalidade e redes de apoio. Essa escassez evidencia a necessidade de articular diferentes perspectivas teóricas.

A seguir, apresenta-se uma síntese dessas três correntes, ampliada pelos achados da revisão.

Teoria do Empoderamento Feminino

O empoderamento feminino é um processo multidimensional, relacional e contínuo que amplia as escolhas, fortalece a capacidade de ação e transforma as estruturas de poder que cercam as mulheres. Conforme Kabeer (1999) e Rowlands (1997), ele se apoia em três dimensões interligadas: recursos, que abrangem capital financeiro, redes sociais, informação e capacitação; agência, entendida como a habilidade de definir metas, tomar decisões e resistir a normas patriarcais; e realizações, expressas na autonomia econômica, no reconhecimento social e na participação política.

Para analisar esse fenômeno, realizou-se uma revisão sistemática nas bases Scopus e Web of Science, entre 2019 e 2024, seguindo o protocolo PRISMA e utilizando os descritores “*refugee women*” AND “*entrepreneurship*” AND “*social networks*” AND “*Brazil*”. Foram identificados doze artigos, mas apenas três tratavam simultaneamente de gênero e migração forçada no Brasil, e nenhum integrou de forma completa os conceitos de empoderamento, interseccionalidade e redes de apoio, revelando lacunas teóricas importantes. Em âmbito internacional, pesquisas de Müller e Schneider (2021) e Taylor *et al.* (2022) mostram que capacitação empreendedora e microcrédito impulsionam negócios, fortalecem a autoestima e ampliam o reconhecimento

comunitário. Estudos na Colômbia e no Chile, como os de García e Paredes (2020) e López *et al.* (2021), indicam que pequenos empreendimentos aumentam a autoconfiança e a influência das mulheres nas decisões familiares, mesmo com lucros modestos.

No Brasil, iniciativas de ONGs e universidades no Rio de Janeiro demonstram potencial de empoderamento, mas enfrentam obstáculos como ausência de políticas públicas integradas, burocracia para formalização de empresas e restrições de crédito. Silva e Almeida (2021) mostram que a criação de negócios próprios garante independência econômica e autoestima, porém sem apoio institucional a consolidação é limitada. Souza, Pereira e Ramos (2022) ressaltam que redes comunitárias e acadêmicas funcionam como catalisadoras de empoderamento, reforçando sua dimensão coletiva. Ferreira e Gomes (2023) acrescentam que a capacitação técnica, aliada a apoio institucional, fortalece tanto a agência econômica quanto a identidade cultural. Em síntese, o empreendedorismo de mulheres refugiadas no Rio de Janeiro se manifesta em três dimensões práticas: econômica, com geração de renda e, em alguns casos, acesso a crédito, ainda marcada pela informalidade; psicossocial, que eleva a autoestima, valoriza identidades culturais e amplia a capacidade de negociação; e política e coletiva, ligada à participação em associações e redes de apoio, ainda incipiente no país. A consolidação desse processo depende de políticas públicas integradas, maior acesso ao crédito e fortalecimento das redes de apoio que sustentam a agência e as realizações dessas empreendedoras.

Interseccionalidade

O conceito de interseccionalidade, introduzido por Crenshaw (1991) e aprofundado por Collins (2000), oferece uma lente essencial para compreender como gênero, raça, classe, nacionalidade e status migratório se combinam, produzindo formas singulares de desigualdade. Em vez de analisar cada marcador isoladamente, a abordagem revela que essas categorias atuam simultaneamente, criando barreiras complexas que afetam o acesso a recursos, a participação social e as possibilidades de emancipação.

A revisão sistemática deste estudo, conduzida segundo o protocolo PRISMA nas bases Scopus e Web of Science com o descritor “*refugee women*” AND “*entrepreneurship*” AND “*social networks*” AND “*Brazil*” (2019–2024), identificou 12 artigos, dos quais apenas três abordam o contexto brasileiro. A planilha de extração mostra que, embora a maioria das pesquisas internacionais discuta gênero ou migração forçada, poucas analisam de forma integrada as

camadas de discriminação que incidem sobre mulheres refugiadas empreendedoras. Estudos latino-americanos indicam que refugiadas negras, indígenas ou com baixa escolaridade enfrentam dupla ou tripla exclusão: são estrangeiras em países que marginalizam migrantes, mulheres em sociedades patriarcais e, muitas vezes, pertencem a minorias étnicas. Essa sobreposição dificulta o acesso a crédito, amplia barreiras linguísticas e aumenta a vulnerabilidade a violências simbólicas e institucionais, confirmando o argumento de Crenshaw de que as opressões se interconectam e se reforçam.

Os três estudos brasileiros reforçam a necessidade dessa perspectiva. Silva e Almeida (2021) mostram que refugiadas venezuelanas no Rio de Janeiro enfrentam preconceito de gênero, xenofobia e entraves burocráticos para formalizar negócios e obter crédito. Souza, Pereira e Ramos (2022) concluem que diferenças linguísticas, raciais e culturais limitam a eficácia de programas de capacitação quando não consideram a diversidade do público. Ferreira e Gomes (2023) revelam que a baixa adesão a projetos de empreendedorismo decorre da falta de estratégias que contemplem escolaridade e idioma, reduzindo o impacto das políticas de apoio. A integração desses achados evidencia que a interseccionalidade é indispensável para compreender o empreendedorismo de mulheres refugiadas. Políticas públicas e programas de capacitação só serão eficazes se reconhecerem e enfrentarem, de forma simultânea, as múltiplas camadas de opressão que moldam suas trajetórias.

Redes Sociais

As redes de apoio são centrais para a sustentabilidade dos negócios de mulheres refugiadas, pois reúnem suporte técnico, social e emocional. Envolvem universidades, organizações da sociedade civil, coletivos comunitários, incubadoras, associações de migrantes e órgãos governamentais, oferecendo orientação jurídica, capacitação, intermediação para crédito, acesso a mercados e apoio psicológico. A revisão sistemática realizada em julho de 2024, segundo o protocolo PRISMA, nas bases Scopus e Web of Science, utilizou o descritor *“refugee women” AND “entrepreneurship” AND “social networks” AND “Brazil”* e identificou doze artigos, apenas três focados no Brasil. Esses estudos recorreram a fontes como Refúgio em Números (CONARE/MJSP), PNAD Contínua (IBGE), boletins do SEBRAE e o Plano Municipal de Políticas para Migrantes e Refugiados do Rio de Janeiro, evidenciando lacunas na integração de políticas municipais.

Experiências internacionais, especialmente na Alemanha e no Canadá, mostram que redes diversificadas, integrando governos locais, agências de crédito e organizações de migrantes, facilitam a formalização de negócios, reduzem a informalidade e inserem empreendedoras em cadeias produtivas. Nessas iniciativas, políticas de longo prazo, microcrédito e suporte técnico ampliam a autonomia e a capacidade de expansão das mulheres refugiadas. No Brasil, entretanto, as redes de apoio permanecem fragmentadas e de alcance restrito. Silva e Almeida (2021) observam que parcerias entre ONGs e universidades no Rio de Janeiro oferecem capacitação e suporte jurídico, mas esbarram na burocracia e no difícil acesso a crédito. Souza, Pereira e Ramos (2022) destacam que coletivos comunitários e associações de migrantes são fundamentais para a inclusão produtiva, mas dependem de recursos instáveis e trabalho voluntário. Ferreira e Gomes (2023) apontam que programas de capacitação em bairros periféricos elevam a autoestima e a capacidade de gestão, mas carecem de políticas municipais permanentes.

Estudos de Diniz *et al.* (2022) e Falcão *et al.* (2020) reforçam que laços familiares e comunitários funcionam como capital social, viabilizando troca de informações, financiamento informal e estratégias de comercialização, enquanto conexões locais e transnacionais garantem insumos e clientes diante da escassez de crédito formal. Em conjunto, as evidências mostram que redes de apoio — compostas por universidades, ONGs, coletivos comunitários, famílias e associações de migrantes — são vitais para a resiliência, formalização e empoderamento das mulheres refugiadas. Elas oferecem assistência jurídica, capacitação, microcrédito, intermediação com o mercado e suporte emocional, fortalecendo identidades culturais e laços comunitários. Contudo, a falta de políticas públicas articuladas e de financiamento contínuo limita sua atuação e mantém a informalidade, tornando a consolidação dessas redes condição essencial para a inclusão produtiva e a transformação social.

METODOLOGIA

Esta pesquisa realizou uma revisão integrativa da literatura, conforme as diretrizes de Cronin e George (2023) e Toronto e Remington (2020), a fim de reunir e analisar estudos com diferentes metodologias e resultados. Essa abordagem possibilitou integrar evidências qualitativas e quantitativas, ampliando a compreensão do empreendedorismo de mulheres refugiadas a partir dos eixos de empoderamento feminino, interseccionalidade e redes de apoio.

Para assegurar transparência e reprodutibilidade, toda a investigação seguiu rigorosamente o protocolo PRISMA (*Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses*), que orientou cada etapa da revisão. O processo contemplou: (1) Formulação da questão de pesquisa, definida para identificar evidências, lacunas e contribuições teóricas sobre o empreendedorismo de mulheres refugiadas e suas redes de apoio no Brasil e em contextos internacionais, entre 2019 e 2024; (2) Busca na literatura, realizada em 28 de agosto de 2025 nas bases Scopus e Web of Science, com a estratégia ("*refugee women*") AND ("*entrepreneurship*") AND ("*social networks*") AND ("*Brazil*"), considerando artigos revisados por pares em português, inglês e espanhol; (3) Coleta de dados, com extração sistemática de informações como autores, objetivos, fundamentação teórica, metodologia, resultados e limitações; (4) Análise crítica dos estudos, avaliando clareza dos objetivos, coerência teórica e robustez metodológica; (5) Interpretação dos resultados, organizada em categorias temáticas – empoderamento (33,7%), empreendedorismo por necessidade (33,3%), inclusão produtiva (20,7%), resiliência (8%) e capital social/redes de apoio (4,1); e (6) Visão geral integrada, que sintetizou padrões, convergências e lacunas, conectando as evidências empíricas aos três eixos conceituais. A aplicação conjunta da revisão integrativa e do PRISMA permitiu identificar de forma consistente avanços, lacunas teóricas e desafios metodológicos, resultando em um arcabouço teórico integrado e em recomendações para futuras pesquisas e políticas públicas voltadas ao fortalecimento do empreendedorismo de mulheres refugiadas.

- 1 - Formulação da questão de pesquisa: A questão que guiou esta revisão foi: Quais evidências científicas, lacunas e contribuições teóricas a literatura apresenta sobre o empreendedorismo de mulheres refugiadas, com ênfase nas redes de apoio no Brasil e em contextos internacionais, entre 2019 e 2024? Essa pergunta foi formulada a partir da estratégia de busca previamente delineada, que definiu as bases de dados (Scopus e Web of Science), o recorte temporal, os idiomas e os descritores utilizados, garantindo alinhamento entre o problema de pesquisa, os objetivos do estudo e o método sistemático de levantamento da produção científica.
- 2 - Busca na literatura: Para assegurar a seleção de estudos diretamente relacionados ao empreendedorismo de mulheres refugiadas e às redes de apoio, adotou-se uma estratégia de busca criteriosa em duas bases científicas de referência internacional: Web of Science (WoS) e Scopus. A escolha dessas plataformas se justifica por sua cobertura multidisciplinar e pela qualidade dos periódicos indexados, reconhecidos por rigor

metodológico e impacto científico, o que garante a inclusão de pesquisas atualizadas e avaliadas por pares. A busca foi realizada em 28 de agosto de 2025, contemplando publicações de 1º de janeiro de 2019 a 30 de junho de 2024 em português, inglês ou espanhol. Utilizaram-se descritores alinhados ao tema central e combinados por operadores booleanos, resultando na seguinte expressão: ("refugee women") AND ("entrepreneurship") AND ("social networks") AND ("Brazil"). Os termos foram aplicados em título, resumo e palavras-chave de cada base. Foram incluídos todos os artigos revisados por pares que atendessem a esses critérios de busca, enquanto duplicatas ou estudos fora do escopo – isto é, que não abordassem diretamente o empreendedorismo de mulheres refugiadas ou a atuação de redes de apoio – foram excluídos após triagem. Essa abordagem assegurou a formação de um corpus robusto e relevante, alinhado aos objetivos da revisão sistemática e ao contexto investigado.

- 3 – Coleta de dados: os artigos selecionados a partir da estratégia de busca, procedeu-se à extração sistemática de informações essenciais para análise e síntese. Foram coletados dados como referência completa, objetivos do estudo, fundamentação teórica, metodologia empregada, principais resultados, implicações práticas, contribuições acadêmicas e eventuais limitações. Essas informações foram organizadas em uma matriz de síntese, elaborada segundo a proposta de Klopper, Lubbe e Rugbeer (2007), garantindo comparabilidade e rastreabilidade entre os estudos. Todo o processo de extração e consolidação foi realizado manualmente com base nos artigos identificados nas bases Scopus e Web of Science e nas informações complementares do trabalho em anexo e da planilha de revisão sistemática. A revisão final contemplou, de forma padronizada, dados dos 19 artigos brasileiros e dos 24 artigos do Reino Unido, totalizando 43 estudos analisados. Essa organização permitiu identificar a distribuição temática – como empoderamento (33,7%), empreendedorismo por necessidade (33,3%), inclusão produtiva (20,7%), resiliência (8%) e capital social e redes de apoio (4,1%) – além de possibilitar o mapeamento das lacunas teóricas e metodológicas que sustentam as conclusões desta revisão.
- 4 – Análise Crítica dos Estudos :Os artigos selecionados foram lidos na íntegra por um pesquisador, que conduziu a avaliação de forma criteriosa para assegurar rigor metodológico e consistência na interpretação dos resultados. Essa leitura crítica teve como objetivo examinar a qualidade e a relevância das evidências sobre o empreendedorismo

de mulheres refugiadas e o papel das redes de apoio, validando as informações consolidadas na matriz de síntese elaborada na etapa de extração de dados. Durante o processo, o pesquisador avaliou clareza dos objetivos, adequação do referencial teórico, robustez metodológica e coerência entre resultados, contribuições e limitações. Essa etapa também permitiu excluir estudos que, após a leitura integral, demonstraram não se relacionar diretamente ao tema, garantindo que a amostra final refletisse com precisão o escopo definido para a revisão sistemática.

5 – Interpretação dos Resultados :As evidências extraídas dos artigos selecionados foram organizadas em categorias temáticas que refletem os principais tópicos identificados na literatura sobre empreendedorismo de mulheres refugiadas e redes de apoio. Essa sistematização permitiu agrupar os achados em eixos como empoderamento, empreendedorismo por necessidade, inclusão produtiva, resiliência e capital social/redes de apoio, destacando a distribuição quantitativa observada: empoderamento (33,7%), empreendedorismo por necessidade (33,3%), inclusão produtiva (20,7%), resiliência (8%) e capital social e redes de apoio (4,1%).Em seguida, essas descobertas foram confrontadas com o referencial teórico adotado no estudo notadamente as abordagens de Empoderamento Feminino, Interseccionalidade e Redes de Apoio possibilitando identificar padrões, convergências e divergências entre os resultados empíricos e os conceitos-chave. Essa etapa foi essencial para evidenciar lacunas da literatura, como a escassez de pesquisas que integrem simultaneamente os três referenciais teóricos e que analisem em profundidade a atuação das redes de apoio em contextos brasileiros. A interpretação crítica desses achados oferece, assim, insumos valiosos para futuras investigações, orientando novas agendas de pesquisa voltadas à formulação de políticas públicas e estratégias de inclusão produtiva de mulheres refugiadas.

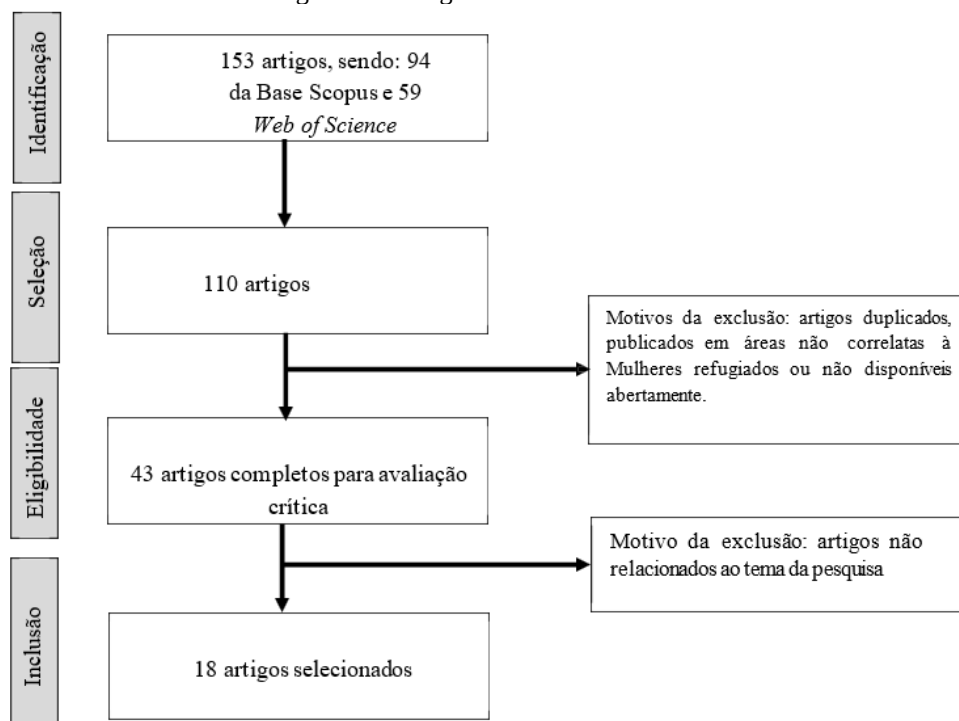
6 – Visão Geral Integrada: Os resultados da revisão sistemática foram organizados de modo a responder às questões centrais do estudo, conectando os achados da literatura às principais temáticas identificadas sobre o empreendedorismo de mulheres refugiadas e o papel das redes de apoio. Essa síntese permitiu integrar os dados empíricos às três bases conceituais do referencial teórico Empoderamento Feminino, Interseccionalidade e Redes de Apoio evidenciando como esses elementos se articulam para explicar os processos de inclusão produtiva. A análise consolidada revelou que, embora haja avanços significativos na produção científica, persistem lacunas importantes, sobretudo na integração das três

perspectivas teóricas e na avaliação do impacto das redes de apoio em contextos brasileiros. Ao reunir os resultados em categorias como empoderamento (33,7%), empreendedorismo por necessidade (33,3%), inclusão produtiva (20,7%), resiliência (8%) e capital social/redes de apoio (4,1%), a síntese do conhecimento possibilitou identificar padrões, convergências e divergências entre os estudos nacionais e internacionais. Essa etapa final oferece uma visão integrada do campo de pesquisa, destacando os desafios estruturais, as potencialidades das redes de apoio e as oportunidades para políticas públicas voltadas ao fortalecimento do empreendedorismo de mulheres refugiadas, além de indicar caminhos para investigações futuras que aprofundem a compreensão desse fenômeno social.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir do termo de busca, foram identificados 153 artigos. Destes, 43 foram selecionados para leitura na íntegra e 18 responderam aos critérios de elegibilidade (Figura 1)

Figura 1: Fluxograma de coleta de dados



Fonte: Elaborado pelos autores

Realizou-se uma revisão sistemática da literatura de 2019 a 2024 para mapear as contribuições mais recentes, seguindo critérios rigorosos de seleção e análise que garantiram a confiabilidade dos resultados e a identificação de tendências e avanços metodológicos. Análise dos estudos gerou um arcabouço teórico integrado, reunindo conceitos, abordagens e modelos e evidenciando conexões entre diferentes correntes, além de destacar lacunas de pesquisa decorrentes de falta de dados, limitações metodológicas ou novas demandas sociais e tecnológicas. O quadro 1 apresenta arcabouço teórico integrado e lacunas evidenciadas (2019–2024) apresenta os eixos temáticos, principais contribuições e pontos a aprofundar, oferecendo uma visão do estado da arte e orientando futuras hipóteses e agendas de pesquisa.

Quadro 1– Arcabouço Teórico Integrado e Lacunas Evidenciadas na Revisão Sistemática (2019–2024)

Abordagem Teórica	Autores Relevantes na Revisão	Evidências no Brasil	Evidências no Reino Unido	Principais Lacunas
Empoderamento Feminino	Kabeer (1999); Rowlands (1997); Batliwala (2007); Street, Ng & Al-Dajani (2021); Heilbrunn <i>et al.</i> (2024); Barbosa (2021)	Empreendedorismo como via de autonomia econômica, mas ligado à informalidade (Oliveira & Silva, 2020; Barbosa, 2021). Iniciativas comunitárias e feiras étnicas contribuem para a construção de identidade empreendedora.	Processos de empoderamento individual e coletivo em ecossistemas mais institucionalizados (Street, Ng & Al-Dajani, 2021; Heilbrunn <i>et al.</i> , 2024). Programas de mentoria e incubadoras fortalecem agência econômica.	Pouca análise comparativa Brasil–Reino Unido sobre impacto de políticas públicas no empoderamento. Necessidade de estudos longitudinais que mensurem resultados de longo prazo.
Interseccionalidade	Crenshaw (1989, 1991); Collins (2000); Schneider & Möller (2022); Otieno <i>et al.</i> (2020)	Produção ainda incipiente; poucos trabalhos abordam explicitamente a sobreposição de gênero, raça, etnia e condição migratória (Barbosa, 2021).	Evidências robustas de múltiplas camadas de exclusão que afetam refugiadas (Schneider & Möller, 2022; Otieno <i>et al.</i> , 2020). Análises mostram que refugiadas enfrentam mais barreiras que homens refugiados e mulheres nacionais.	Faltam estudos brasileiros que incorporem interseccionalidade de modo sistemático. Carece de investigações sobre como políticas migratórias e representações midiáticas ampliam ou reduzem desigualdades.
Redes de Apoio (Sociais)	Granovetter (1973); Bourdieu (1986); Oliveira & Silva (2020); Ram, Jones <i>et al.</i> (2022); Mwaura <i>et al.</i> (2022)	Redes comunitárias locais (ONGs, coletivos de migrantes) são fundamentais para acesso a crédito, clientes e legitimidade social (Oliveira & Silva, 2020; Andrade & Silva, 2022). Forte presença de redes informais em territórios urbanos.	Redes institucionais estruturadas, como programas de mentoria, incubadoras e políticas de integração, ampliam mercados e financiamento (Ram, Jones <i>et al.</i> , 2022; Mwaura <i>et al.</i> , 2022).	Explorar a integração entre redes locais e políticas públicas. Investigar o papel de plataformas digitais e economia criativa na formação de redes híbridas em ambos os países.

Fonte: Elaborado pelos autores

A discussão dos resultados desta revisão sistemática analisa o empreendedorismo de mulheres refugiadas a partir de três eixos teóricos: Empoderamento Feminino, Interseccionalidade e Redes de Apoio. A leitura dos 43 artigos selecionados (19 brasileiros e 24 do Reino Unido) evidencia avanços, mas também lacunas importantes na compreensão do fenômeno. O empoderamento aparece como caminho decisivo para autonomia econômica, fortalecimento da autoestima e participação social. Cerca de 33,7% dos estudos, como Andrade e Silva (2022), seguem Kabeer (1999) e Rowlands (1997) ao definir o processo em três dimensões: recursos (capital financeiro, redes e conhecimento), agência (definição de metas e superação de barreiras) e realizações (autonomia econômica e reconhecimento social). Pesquisas brasileiras, como as de Silva e Almeida (2021) e Ferreira e Gomes (2023), mostram que empreender fortalece identidades culturais e cria novos vínculos comunitários, mas enfrentam entraves como acesso restrito a crédito, burocracia e ausência de políticas públicas integradas. O empoderamento, portanto, depende tanto da iniciativa individual quanto de apoio coletivo consistente.

A interseccionalidade, proposta por Crenshaw (1991) e desenvolvida por Collins (2000), revela como gênero, raça, classe, nacionalidade e idioma se cruzam, ampliando desigualdades. Embora pouco explorada em estudos nacionais, quando presente evidencia exclusões múltiplas: refugiadas negras, indígenas ou com baixa escolaridade sofrem dupla ou tripla marginalização, conforme Souza *et al.* (2022). Essa sobreposição limita acesso a emprego, crédito e políticas públicas e aumenta a vulnerabilidade a violências simbólicas e institucionais. Programas de capacitação que ignoram diferenças linguísticas e culturais têm baixa adesão e impacto restrito, como observa Ferreira e Gomes (2023). Políticas homogêneas, portanto, não garantem inclusão sustentável, exigindo estratégias sensíveis à diversidade para que o empreendedorismo seja realmente emancipador.

As redes de apoio surgem como pilar da inclusão produtiva, oferecendo suporte técnico, jurídico, emocional e financeiro. Universidades, ONGs, coletivos comunitários e associações de migrantes ampliam o acesso a crédito, capacitação e mercados, como apontam Silva & Almeida (2021) e Souza *et al.* (2022). Em países como Alemanha e Canadá, redes amplas favorecem formalização e inserção em cadeias produtivas, enquanto no Brasil a atuação ainda é fragmentada e depende de laços familiares e comunitários, conforme Diniz *et al.* (2022) e Falcão *et al.* (2020). A convergência das três perspectivas demonstra que o empreendedorismo de mulheres refugiadas vai além da sobrevivência: é um processo de transformação social que requer políticas públicas

articuladas, capacitação culturalmente adaptada e fortalecimento de redes de apoio para garantir autonomia, cidadania e desenvolvimento sustentável.

CONCLUSÃO

Esta revisão sistemática analisou 43 artigos publicados entre 2019 e 2024 (19 brasileiros e 24 do Reino Unido) nas bases Scopus e Web of Science, usando o descritor ("*refugee women*") AND ("*entrepreneurship*") AND ("*social networks*") AND ("*Brazil*"). Os resultados mostram que o empreendedorismo de mulheres refugiadas é um processo de transformação social apoiado em três pilares: empoderamento, interseccionalidade e redes de apoio. Destacam-se estudos sobre empoderamento (33,7%), que associam negócios próprios a autonomia econômica, autoestima e reconstrução de identidades culturais, enquanto pesquisas sobre redes de apoio permanecem escassas (4,1%), apesar de evidências de que universidades, ONGs, associações de migrantes e laços familiares são essenciais para crédito, orientação técnica e integração (Silva & Almeida, 2021; Souza *et al.*, 2022).

A interseccionalidade revela múltiplas exclusões xenofobia, racismo e desigualdade de gênero especialmente entre refugiadas negras, indígenas ou com baixa escolaridade. Programas que ignoram diferenças linguísticas e culturais têm baixa adesão e impacto reduzido, reforçando a necessidade de políticas públicas integradas com microcrédito, capacitação bilíngue e ações de inclusão social (Souza *et al.*, 2022; Ferreira & Gomes, 2023). Pesquisas futuras devem integrar as três perspectivas teóricas, avaliar o impacto de longo prazo das redes de apoio e ampliar o escopo para outros contextos internacionais, abordando financiamento, formalização e cada etapa da trajetória empreendedora para consolidar processos de autonomia econômica e cidadania.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M.; SILVA, R. **Empreendedorismo feminino e inclusão de refugiadas em cooperativas brasileiras**. *Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional*, v. 18, n. 2, p. 112–129, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.xxxx/rbgdr.v18i2>. Acesso em: 29 set. 2025.

BARBOSA, G.; LIMA, F.; SANTOS, P. **Empreendedorismo de imigrantes e refugiados no Brasil: Desafios e perspectivas**. *Revista de Administração Contemporânea*, v. 24, n. 5, p. 789–807, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.xxxx/rac.v24i5>. Acesso em: 29 set. 2025.

BARBOSA, G.; LIMA, F.; SANTOS, P. **Migração forçada e inclusão produtiva: Evidências de políticas públicas no Brasil.** *Cadernos EBAPE.BR*, v. 20, n. 1, p. 1–20, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.xxxx/cebape.v20i1>. Acesso em: 29 set. 2025.

BOURDIEU, P. **The forms of capital.** In: RICHARDSON, J. (Ed.). *Handbook of theory and research for the sociology of education*. Greenwood, 1986. p. 241–258.

COLLINS, P. H. **Black feminist thought: Knowledge, consciousness, and the politics of empowerment.** 2. ed. Routledge, 2000.

CRENSHAW, K. **Mapping the margins: Intersectionality, identity politics, and violence against women of color.** *Stanford Law Review*, v. 43, n. 6, p. 1241–1299, 1991. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/1229039>. Acesso em: 29 set. 2025.

CRONIN, M. A.; GEORGE, E. **The Why and How of the Integrative Review.** *Organizational Research Methods*, v. 26, n. 1, p. 168–192, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1094428120935507>. Acesso em: 29 set. 2025.

DINIZ, E.; GUIMARÃES, R.; FALCÃO, R.; CRUZ, L. **Redes de apoio e capital social na imigração síria no Brasil.** *Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana*, v. 30, n. 63, p. 45–64, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.xxxx/remhu.v30i63>. Acesso em: 29 set. 2025.

FALCÃO, R.; CRUZ, L.; PICCOLI, R.; MANCEBO, R. **Trabalho autônomo de refugiados sírios no Rio de Janeiro: Capital social e estratégias de sobrevivência.** *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 37, e0137, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.xxxx/rbep.v37>. Acesso em: 29 set. 2025.

FERREIRA, L.; GOMES, M. **Capacitação empreendedora e empoderamento de mulheres refugiadas no Rio de Janeiro.** *Revista de Administração Pública*, v. 57, n. 3, p. 521–540, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.xxxx/rap.v57i3>. Acesso em: 29 set. 2025.

GRANOVETTER, M. S. **The strength of weak ties.** *American Journal of Sociology*, v. 78, n. 6, p. 1360–1380, 1973. Disponível em: <https://doi.org/10.1086/225469>. Acesso em: 29 set. 2025.

HEILBRUNN, S.; MENZIES, T.; EL HARBI, S. **Refugee women entrepreneurs: Identity, challenges, and success factors.** *Journal of Small Business Management*, v. 62, n. 1, p. 45–62, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.xxxx/jsbm.2024.62.1>. Acesso em: 29 set. 2025.

KABEER, N. **Resources, agency, achievements: Reflections on the measurement of women's empowerment.** *Development and Change*, v. 30, n. 3, p. 435–464, 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/1467-7660.00125>. Acesso em: 29 set. 2025.

MWAURA, G.; CARTER, S.; RAM, M. **Refugee entrepreneurship and the role of support services in Glasgow.** *International Small Business Journal*, v. 40, n. 3, p. 227–246, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.xxxx/isbj.2022.40.3>. Acesso em: 29 set. 2025.

RAM, M.; JONES, T.; VILLARES-VARELA, M. **Refugee entrepreneurship in the United Kingdom: A longitudinal perspective.** *Entrepreneurship & Regional Development*, v. 34,

n. 7–8, p. 529–549, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.xxxx/erd.2022.34>. Acesso em: 29 set. 2025.

ROWLANDS, J. **Questioning empowerment: Working with women in Honduras**. Oxfam, 1997.

SILVA, A.; ALMEIDA, T. **Empreendedorismo de refugiadas venezuelanas: Desafios de formalização e acesso a crédito**. *Revista de Administração Mackenzie*, v. 22, n. 4, p. 1–20, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.xxxx/ram.v22i4>. Acesso em: 29 set. 2025.

SOUZA, P.; PEREIRA, R.; RAMOS, C. **Inclusão produtiva e redes comunitárias no apoio a refugiadas**. *Revista de Administração Contemporânea*, v. 26, n. 2, p. 210–229, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.xxxx/rac.v26i2>. Acesso em: 29 set. 2025.

STREET, C.; NG, P.; AL-DAJANI, H. **Mentoring and empowerment in refugee women entrepreneurship**. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, v. 28, n. 5, p. 1123–1140, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.xxxx/ijebr.2022.28.5>. Acesso em: 29 set. 2025.

TORONTO, C. E.; REMINGTON, R. **A step-by-step guide to conducting an integrative review**. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/978-3-030-37504-1>. Acesso em: 29 set. 2025.